

Parque Nacional Marinho de João Vieira e Poilão

Biodiversidade e Conservação

Citação recomendada:

Catry P, Regalla A (Eds). 2018. Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão: Biodiversidade e Conservação. IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau.

Mamíferos Marinhos

Castro Barbosa

IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas da Guiné-Bissau, Bissau, Guiné-Bissau

Aissa Regalla

IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas da Guiné-Bissau, Bissau, Guiné-Bissau

Citação:

Barbosa C, Regalla A (2018). Mamíferos marinhos. In: Catry P, Regalla A (eds). Parque Nacional Marinho João Vieira e Poilão: Biodiversidade e Conservação. IBAP – Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, Bissau

Mamíferos Marinhos

Castro Barbosa e Aissa Regalla

Introdução

A ocorrência de mamíferos marinhos é assinalada na nossa região desde os tempos remotos das viagens marítimas de Vasco da Gama para Índia, nomeadamente nos belos textos escritos pelo marinheiro-poeta Luís Vaz de Camões. Na maioria dos ambientes marinhos, os mamíferos são importantes predadores (e nalguns casos importantes herbívoros), tendo, portanto, um papel de relevo na estrutura e funcionamentos dos ecossistemas (Bowen 1997). Aqui referimo-nos apenas aos mamíferos que passam toda a sua vida no mar, nomeadamente os cetáceos (golfinhos e baleias) e os sirénios (manatins e dugongos). Excluem-se pois outros mamíferos que passam apenas parte da sua vida no mar, como é o caso dos hipopótamos que habitam o arquipélago dos Bijagós, e que foram nesta obra tratados no capítulo dedicado aos mamíferos terrestres.

Métodos

Este grupo de animais nunca foi objecto de censos dirigidos, inquéritos ou observações sistemáticas no PNMJVP. Contudo, existem alguns esforços prévios de sistematização da informação sobre cetáceos na Guiné-Bissau, sendo de salientar uma compilação dos registos publicados na literatura e de dados inéditos de observação (2008-2014) no território nacional, baseados sobretudo em resultados de inquéritos sistemáticos ou de ocasião e de observações esporádicas. Há ainda um rico campo de trabalho por fazer nesta área. Os dados apresentados neste livro referentes ao PNMJVP resultam sobretudo de observações ocasionais dos investigadores, técnicos e guardas dos parques, bem como de conversas com as gentes de Canhabaque que frequentam a área.

As espécies

Família Delphinidae

Tursiops truncatus

Nome comum: Golfinho (Antoninho) / Roaz-corvineiro

Figura 1.

*Roazes-corvineiros/
antoninhos*
Tursiops truncatus
acompanhando a
vedeta de fiscalização
do PNMJVP.

Créditos:

Pedro Canavilhas

É o mamífero marinho mais frequentemente registado nas águas do PNMJVP, podendo ser considerado regular e relativamente fácil de observar. Ocorre ao longo de todo o ciclo anual (tanto na época seca como na época das chuvas), não estando determinado se é mais abundante nalgumas épocas. A espécie frequenta as águas pouco profundas em redor das 4 ilhas do Parque, podendo ser observado de passagem ou em alimentação, normalmente em pequenos grupos de menos de uma dúzia de indivíduos. No canal de Canhabaque, imediatamente a norte do Parque (entre Canhabaque e João Vieira e Cavalos), muito esporadicamente são observados grupos maiores, aparentemente de passagem, que podem chegar a compreender cerca de uma centena de indivíduos. Em 2 de Novembro





de 2018, por exemplo, foi ali observado um grupo com cerca de 60 indivíduos. De notar que esta é uma espécie razoavelmente comum na generalidade do arquipélago dos Bijagós, e mesmo nos sectores estuarinos dos rios da zona costeira da Guiné-Bissau, chegando a penetrar nas águas muito turvas do Mansôa, por exemplo por altura da Ponte de João Landim, a cerca de 50 km do mar mais aberto.

Os roazes-corvineiros são golfinhos bastante grandes, geralmente com 2,5 a 3,5 metros de comprimento, e pesos de 200 a 500 kg. Estes golfinhos vivem em grupo, existindo populações mais associadas a meios costeiros, e outras ao mar aberto e profundo. Nada é conhecido sobre a sua ecologia na região da Guiné-Bissau. Em geral, estes animais alimentam-se sobretudo de peixes, mas também podem consumir muitos cefalópodes, como lulas, chocos ou polvos. Têm grande longevidade, podendo excepcionalmente chegar aos 60 anos de idade. As populações costeiras são muitas vezes sedentárias.

Figura 2.

Roaz-corvineiro/
antoninho *Tursiops
truncatus* que deu
à costa numa praia
do PNMJVP.

Créditos:

Castro Barbosa



Figura 3.
Golfinhos-corcunda
Sousa teuszii nas
águas costeiras
da Guiné-Bissau.

Créditos:
Kim Fischer

Sousa teuszii

Nome comum: Golfinho-corcunda (Antoninho)

Esta espécie de golfinho, endêmica da costa atlântica de África, vive bastante associada a zonas abrigadas e muito pouco profundas, em canais entre ilhas e mangais, zonas com bancos ou de características algo estuarinas. Na Guiné-Bissau, esta espécie foi registada do Canal de Jeta e do Canal de Pecixe, no norte, até o Rio Cacine, no sul; os avistamentos registados foram particularmente numerosos ao redor da pequena ilha de Areias (localizada ao sul da foz do Rio Geba), ao redor da ponta oeste da ilha de Bolama e em todo o Rio Grande de Buba. A espécie foi também observada ao largo de ilhas do arquipélago dos Bijagós, nomeadamente das ilhas de Orangozinho, Canhabaque, Bubaque, Soga, Rubane, Galinhas, Uracane e das Ilhas Urok - Formosa, Nago e Chedia (Leeney *et al.* 2015).

O estatuto do golfinho-corcunda no PNMJVP está pouco esclarecido, mas a sua ocorrência parece ser, ao contrário da do roaz-corcvineiro, muito esporádica. Na verdade, não temos registos recentes

de observações confirmadas, mas existem relatos esporádicos de observações por parte das comunidades de Canhabaque, o que parece muito verosímil, dado que a espécie ocorre regularmente por exemplo na zona de Adonga, no Parque Nacional de Orango, bem como em volta de toda a ilha de Bubaque e de Canhabaque (onde foi feito o primeiro registo para esta espécie no país; Sequeira e Reiner 1992), em áreas a apenas 25 km de distância do PNMJVP (Waerebeek *et al.* 2004, obs. pess.). Esta espécie é provavelmente muito sensível à mortalidade accidental (ou intencional) em redes de pesca (Weir *et al.* 2011). Apesar de ser muito pouco conhecida, a espécie foi declarada como Criticamente em Perigo pela UICN (Collins *et al.* 2017).

Globicephala macrorhynchus

Nome comum: Baleia-piloto-tropical

Esta espécie mais característica de águas profundas do oceano aberto não encontra, no PNMJVP, condições para uma permanência prolongada. Deverá surgir esporadicamente de passagem nos limites do Parque. Conhecemos apenas uma observação, de um pequeno grupo de animais, incluindo pelo menos uma cria pequena, em conjunto com roazes-corvineiros (esta associação é típica nestas espécies) que teve lugar no dia 16 de Janeiro de 2014, no canal profundo (30 a 50 m) entre João Vieira e Canhabaque (M Lecoq, JP Grana-deiro, T Catry, com. pess.). Tratam-se de baleias de pequeno porte, com os machos a atingirem 5,5 metros e as fêmeas 3,7 metros. São capazes de mergulhar a centenas de metros de profundidade, alimentando-se sobretudo de lulas, mas também de peixes.

Família Trichechidae

Trichechus senegalensis

Nome comum: Manatim-africano

Esta é uma espécie de comportamento extremamente discreto na região costeira da Guiné-Bissau, sendo por isso muito difícil de

detectar, contabilizar e estudar. Os bijagós naturais de Canhabaque têm referido que a espécie ocorre dentro das águas do Parque, sendo por exemplo observada no período das chuvas junto à ilha do Meio, por vezes chegando-se aos pontos de saída de água doce para beber. Os manatins aparentam ser ainda comuns no arquipélago dos Bijagós e noutras regiões costeiras da Guiné-Bissau (Silva e Araújo 2001), mas não existem informações detalhadas sobre o seu comportamento, abundância, movimentos, afinidades de habitat e pontos ou tipo de alimentação. Contudo, eles parecem frequentar sobretudo os canais dos povoamentos de mangal, onde se alimentam, e as zonas de mar mais aberto nas suas proximidades. A ausência de povoamentos de mangal e provavelmente de ervas marinhas da área do PNMJVP leva-nos a crer que a utilização das águas do Parque por esta espécie pode ser relativamente esporádica (ver, por exemplo, Limoges e Robillard 1991, Silva e Araújo 2001). Contudo, é de notar que os manatins-africanos na África ocidental, ao contrário de outros sirénios que parecem ser quase exclusivamente herbívoros, aparentemente também se alimentam bastante de animais, nomeadamente moluscos e até peixes (Diagne 2014). Assim, a presença desta espécie no PNMJVP pode ser mais regular do que à partida se poderia pensar, mas o assunto necessita de mais investigação. O manatim-africano está classificado como Vulnerável pela UICN (Diagne 2015).

Outras espécies

Para além dos animais que podem ser observados no Parque ou nas suas proximidades imediatas, existem registos esporádicos de cetáceos que dão à costa já sob a forma de cadáveres. Estes registos são interessantes, pela informação que contêm relativamente ao meio marinho da zona onde a Guiné-Bissau se insere, mas nada nos dizem sobre a fauna que frequenta o PNMJVP, pois os cadáveres podem viajar, transportados por correntes, ao longo de dezenas ou centenas de quilómetros. A este respeito há então a assinalar um **cachalote-comum** *Physeter macrocephalus* que deu à costa do Meio em 14 de Novembro de 2015, e um **cachalote-anão** *Kogia sima* encontrado morto em 2006, em Poilão. Ambas estas espécies são típicas do oceano aberto e profundo, onde se alimentam sobretudo

de cefalópodes (lulas) capturados em profundidade. Existem diversos outros registos de golfinhos (incluindo *Tursiops truncatus*) que deram à costa nas ilhas do Parque.

Outras espécies de cetáceos registadas na Zona Económica Exclusiva da Guiné-Bissau (Leeney *et al.* 2015) incluem dois avistamentos de baleias-de-bossa *Megaptera novaeangliae*, seis registos de captura de **cachalotes** *Physeter macrocephalus* e um de **orcas** *Orcinus orca* em águas profundas no mar, e avistamentos **golfinhos de Risso** *Grampus griseus* e de **golfinhos de Clymene** *Stenella clymene*. Estas espécies não deverão, contudo, ocorrer dentro das águas do PNMJVP, ou então poderão aparecer apenas esporadicamente de passagem.

Discussão

Na falta de estudos de campo a eles dirigidos, os mamíferos marinhos da Guiné-Bissau são muito pouco conhecidos, mesmo aqueles que vivem nas águas costeiras, arquipélagos e estuários. A revisão apresentada acima confirma essa mesma paucidade de informação disponível. Tal não surpreende, contudo, pois os meios para estudar os mamíferos aquáticos são muito exigentes, e as águas turvas da zona costeira da Guiné-Bissau tornam as pesquisas e as observações ainda mais difíceis.

Os cetáceos e os sirénios apresentam fecundidades muito baixas e elevadas taxas de sobrevivência natural dos adultos. Como a generalidade das espécies nestas condições, são extremamente sensíveis a factores de mortalidade adicionais que possam resultar, directa ou indirectamente, das actividades humanas. Existe na África Ocidental alguma tradição de caça ao manatim. Os bijagós tradicionalmente capturavam-nos nas gamboas, e os pescadores Nhomin-cas no arquipélago no passado caçavam-nos com arpão, a partir de uma plataforma rudimentar construída num sítio onde os animais bebessem regularmente (Limoges e Robillard 1991). A caça aos manatins, apesar de ser proibida, continua a ser praticada pelo valor comercial da carne e pelas propriedades de algumas partes do corpo (a gordura da sua banha, os ossos, os órgãos e a pele) que são usadas

na medicina tradicional para tratar uma ampla gama de doenças (infecções no ouvido, asma, doenças de pele, etc.). Em muitas etnias, a caça de manatins só pode ser praticada por pessoas iniciadas, de acordo com rituais específicos e com vista a determinadas cerimónias. Tanto os manatins como os golfinhos podem também ser capturados acidentalmente em redes e morrerem afogados antes de poderem ser libertados. Pensa-se que esta fonte de mortalidade constitui a principal ameaça aos mamíferos marinhos na região, e pode pôr em grande risco estas espécies sensíveis (Diagne 2015, Collins *et al.* 2017). Leeney *et al.* (2015), por exemplo, relata que 42% dos pescadores entrevistados na Guiné-Bissau afirmaram ter acidentalmente capturado um golfinho pelo menos uma vez, e 37% dos entrevistados haviam comido carne de golfinho. Dado o elevado nível de pesca artesanal por parte de guineenses e de pescadores de outras nacionalidades da África ocidental presentes nas águas da Guiné-Bissau, é possível que os níveis de capturas acessórias sejam significativos.

Todas as espécies de mamíferos marinhos são protegidas pelas leis nacionais da Guiné-Bissau, que proíbem a sua captura e comércio, nomeadamente o Regulamento Guiné-Bissau de Pesca Artesanal, de Junho de 2011 (Secção II, Artigo 19), que estabelece que a caça, captura, desembarque e venda de mamíferos marinhos é proibida, a menos que autorizada pelas autoridades responsáveis pelos sectores pesqueiro, agrícola e ambiental, e para fins de pesquisa científica ou técnica. Contudo, essas leis pouco podem fazer em relação às capturas acidentais (ou a capturas que, sendo propositadas, podem ser disfarçadas de acidentais). Pensa-se que uma das melhores medidas de conservação para estas espécies será a existência de áreas marinhas protegidas funcionais, onde a pesca seja cuidadosamente regulamentada e controlada. Assim, o PNMJVP pode contribuir neste aspecto em particular, apesar de provavelmente não acolher números significativos das espécies mais ameaçadas (golfinho-corcunda e manatim). É claramente necessária mais investigação e monitorização sobre os mamíferos marinhos no arquipélago dos Bijagós, a fim de averiguar a abundância, a distribuição espaço-temporal, a estrutura populacional e as causas de mortalidade, particularmente dado o seu estatuto de conservação.

Referências

- Bowen WD (1997) Role of marine mammals in aquatic ecosystems. Marine Ecology Progress Series 158: 267-274
- Collins T, Braulik GT, Perrin W (2017) *Sousa teuszii* (errata version published in 2018). The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T20425A123792572.
- Diagne LWK (2014) Phylogenetics and feeding ecology of the African manatee, *Trichechus senegalensis*. PhD Thesis, Universidade da Florida.
- Diagne LWK (2015) *Trichechus senegalensis* (errata version published in 2016). The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T22104A97168578.
- Leeney RH, Weir CR, Campredon P, Regalla A, Foster J (2016) Occurrence of Atlantic humpback (*Sousa teuszii*) and bottlenose (*Tursiops truncatus*) dolphins in the coastal waters of Guinea-Bissau, with an updated cetacean species checklist. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom 96(4): 933-941.
- Limoges B, Robillard M (1991) Proposition d'un plan d'aménagement de la réserve de la biosphère de l'archipel des Bijagós. Gland : UICN.
- Sequeira M, Reiner F (1992) First record of an Atlantic humpback dolphin, *Sousa teuszii* Kukenthal, 1892 (Cetacea, Delphinidae) in Guinea-Bissau. Mammalia 56: 311-313.
- Silva M, Araújo A (2001) Distribution and current status of the West African Manatee *Trichechus senegalensis* in Guinea-Bissau. Marine Mammal Science 17: 418-424.
- Waerebeek KV, Barnett L, Camara A, Cham A, Diallo M, Djiba A, Jallow AO, Ndiaye E, Bilal, AOS, Bamy IL (2004) Distribution, status and biology of the Atlantic humpback dolphin *Sousa teuszii*. Aquatic Mammals 30: 56-83.
- Weir CR, Waerebeek KV, Jefferson TA, Collins T (2011) West Africa's Atlantic humpback dolphin (*Sousa teuszii*): endemic, enigmatic and soon Endangered? African Zoology 46: 1-17.
- Würsig B, Thewissen JGM, Kovacs KM (Eds) (2018) Encyclopedia of marine mammals. Academic Press.